

Florestas são conhecidas como drenos de carbono atmosférico, capazes de contribuir para a mitigação do aumento dos níveis de CO₂, a partir da captura e estocagem desse gás na forma de biomassa. Embora vários estudos comparativos considerando as variações nas taxas de seqüestro de carbono tenham sido realizados em diferentes florestas (p. ex. tropicais *versus* temperadas), não há relatos detalhados de análise de teor de carbono em florestas comerciais resinadas. Em uma floresta de *Pinus elliottii* de 14 anos de idade, 60 árvores com um intervalo médio similar de DAP foram selecionadas e avaliadas sazonalmente para a produção de resina. Ao final de um ano de análise, 10 árvores resinadas e 5 intactas (controle) foram abatidas, seccionadas e pesadas em campo (peso fresco), e tiveram amostras representativas de parte aérea e raízes secas em estufa (105° C). Após atingir peso constante, o material vegetal foi processado (pulverizado) e enviado para quantificação do teor de carbono juntamente com amostras de 10 pontos em 3 profundidades de solo do sítio estudado (30, 60 e 90 cm). Resultados preliminares (calculados por estimativa, atribuindo valor de 50% como teor de carbono por unidade de peso seco) indicam que não há diferença estatística entre a produção de biomassa de árvores resinadas em relação às intactas. O carbono estocado na parte aérea parece ser o mais representativo da biomassa arbórea de *P. elliottii*, considerando-se o tempo de resinagem e a idade da floresta avaliada (Apoio: Consórcio Florestal Irani/Trevo/Palmares, CNPq, CAPES, FAPERGS).